

Eleição Presid.

Relógio adiantado

MÁRCIO FORTES*

A tentativa de abrir a sucessão presidencial com três anos de vantagem pode vir a ser uma desvantagem. Em tese porque a prática está indicando que é possível interessar o cidadão pelo processo político, sem prejudicar a ação de governo no presente. Não há, porém, candidatura capaz de durar tanto tempo exposta ao tempo. É a questão.

Nos últimos 12 meses, o meio político ficou alvoroçado e favorável ao exercício de especulações. À medida que pesquisas de opinião traziam à tona insatisfações sociais, os interesses oposicionistas se materializaram em discutir o futuro. E sucessão presidencial é futuro puro. Era inevitável a personalização de hipóteses. Não há limitação a que qualquer cidadão, brasileiro nato, alimente a aspiração de ser candidato, só quem não pode ser candidato é o presidente Fernando Henrique, pela circunstância de que a Constituição só admite uma reeleição.

Políticos são seres atentos às oportunidades. Se perde uma vez, não recupera a chance. Notoriedade é fonte de votos, se for bem trabalhada. O fato é que, quando a democracia se consolida, torna-se mais difícil atravessar a barreira invisível que separa candidatos naturais (de partidos) e candidatos oferecidos por conta própria. Os pretendentes se antecipam por conta própria, criam fatos aparentes. O processo político é seletivo e antropofágico. Como depois da crise cambial veio a tensão das CPIs, a situação política adiantou o relógio e facilitou o aparecimento de nomes que criaram um fato aparentemente consumado, com vista ao futuro. E, uma vez começado o jogo, só poderiam recuar depois de passada a onda. As pretensões políticas tornaram-se candidaturas prováveis ou, pelo menos, verossímeis.

Pertence ao passado a eleição de figuras do rádio, característica da volta do Brasil ao caminho eleitoral depois da Segunda Guerra. Logo, porém, ficou demonstrado que a popularidade radiofônica (não havia a televisão) e esportiva elegia, mas só excepcionalmente reelegia. A fama advinda das qualidades artísticas e esportivas não foi suficiente para moldar personalidades políticas. A política é que abastece as eleições com ofertas de candidatos.

A televisão, nos anos 60, repetiu a experiência, mas com menor sucesso. Até hoje nada confirma potencial político da televisão para eleger um candidato a presidente ou a governador. Uma candidatura, seja a presidente, a governador ou a prefeito, depende do imponderável que os livros de ciência política não ensinam. Os políticos com faro eleitoral confiam mais na intuição do que no conhecimento técnico ou na popularidade sem compromisso.

Nem mesmo a História, que os antigos chamavam de mestre da vida, ensina tudo: fica faltando a percepção das circunstâncias, atributo político pessoal, que os grandes campeões de votos têm. São eminentemente subjetivas (dizem respeito a cada um) as indicações para um candidato se antecipar sem cair em ridículo e fazer papel secundário. Uma coisa é um candidato perceber a sua hora e outra é se deixar envolver numa onda de especulação que tem mais a ver com a maré política. E política é sempre maré.

Quanto ao que está passando, e que se vê como distração, mostra que é cedo para discutir candidaturas, mas nada impede o livre jogo de preferências. Os cidadãos manifestam-se em pesquisas e a política preenche necessidades. Quando nada, pode-se considerar o interesse dos eleitores e dos políticos pela sucessão como decorrência natural a partir da evidência de que o presidente Fernando Henrique não pode pensar em ser candidato. Reeleição é só uma. Natural que os partidos apurem suas possibilidades e avaliem com frequência a opinião pública.

Para o PSDB, qualquer discussão sobre sucessão presidencial, neste momento, é inadequada, inoportuna e, o mais importante, desgastante para o próprio pretendo candidato. Naturalmente, os nossos quadros apresentam nomes dos mais significativos que podem vir a ser o candidato, mas três anos em política é tempo suficiente para mudar todo o quadro nacional tanto em termos políticos como econômicos, o que significa que um bom candidato hoje poderia não ser na época adequada do lançamento de uma candidatura oficial. Portanto, tudo na vida tem sua hora certa, e a política não foge a essa regra.

*Deputado federal (PSDB-RJ)